

**Desemprego: sentimentos e cognições.** Tatiana Belmonte Bergantin, Ynaiê Iyale Bhering Soares, Luiz Carlos Canêo, Manuela de Freitas Guerreiro, Cibelli Cristina Veri de Andrade.

Em 1980, o Brasil era o nono no ranking do desemprego, com um milhão de desempregados. Dez anos depois, em 1990, subiu para a sexta posição, com 2,4 milhões, alcançando o segundo posto em 2000, conforme números citados acima. Estima-se que hoje sejam aproximadamente 15 milhões de desempregados, no país.

Por outro lado, até 2000, a População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil cresceu pouco e representa, hoje, 3% da força de trabalho do mundo. Nesse mesmo período, o desemprego teve alta acelerada e o país responde, hoje, por 7% do desemprego mundial.

Os mais prejudicados com a precariedade das condições de trabalho no Brasil foram as pessoas com faixa de renda menor, os mais pobres. Isso pode ser constatado com o aumento de, aproximadamente, 100% na taxa de desemprego de analfabetos e pessoas com baixa escolaridade, alguns excluídos mesmo do mercado de trabalho.

Quando as novas técnicas eliminam postos de trabalho e o aumento potencial de produção é impedido de se realizar porque a demanda efetiva (isto é, de todos os agentes) é forçada a não se expandir, o desemprego tecnológico não só não é compensado por novo emprego, mas é multiplicado pela queda da demanda.

Isso ocorre porque os trabalhadores substituídos por máquinas ficam sem trabalho e, portanto, reduzem fortemente seu gasto, o que faz com que os trabalhadores que produziam o que eles deixam de comprar também percam seus empregos. Estes também cortam seus gastos, o que acarreta novo desemprego e assim por diante. O aumento do desemprego tem sido causado por essas políticas recessivas.

A questão da falta de emprego afeta o país de uma forma muito séria, e em especial o trabalhador, ocasionando um desajuste na vida dele enquanto núcleo familiar e cidadão. Boa parte da massa desempregada está buscando alternativa na economia informal.

A auto-estima do desempregado é a primeira a ser afetada e, assim, como consequência, sua própria identidade também o é. Muitos desempregados ficam deprimidos, sentindo-se desvalorizados. O sono e a alimentação acabam sendo prejudicados, a pessoa sente-se dispersa e muito ansiosa; é comum pensar que é inútil, interpretando a situação de desemprego somente como algo particular, sem conseguir ter uma dimensão de que o problema é uma questão social que atinge milhares pessoas no país.

Alguns estudos mostram que o trabalho é um indicador de sobrevivência, de manutenção da própria saúde mental daqueles que vivem no sistema capitalista. Assim sendo, o objetivo deste estudo é identificar quais são os comportamentos, sentimentos e cognições dos desempregados devido à sua atual condição.

Os dados para a realização desta pesquisa foram coletados entre os dias 24 a 28 do mês de abril do ano 2006, nos períodos matutino e vespertino, no Centro de Psicologia Aplicada (CPA), da Unesp/Bauru. O total de participantes da pesquisa foi de catorze pessoas, sendo quatro homens, com idade entre 17 e 52 anos e dez mulheres, com idade entre 18 e 48 anos.

As informações foram obtidas através de um questionário composto por duas perguntas. Na primeira delas (*“A que você atribui o fato de estar sem emprego?”*), havia sete causas possíveis, onde o participante lhes atribuiria uma classificação (*sem importância, pouco importante, muito importante*), de acordo com suas próprias concepções.

Também havia a possibilidade de o participante identificar e acrescentar outras possíveis causas do seu desemprego, classificando-as tais como já feito com as demais. Na segunda questão (*“Estar sem emprego provoca em você que tipo de sentimentos?”*), foram dados oito diferentes possíveis sentimentos para os participantes responderem se *não os sentem, sentem pouco* ou *os*

*sentem muito*. Assim como na primeira, era possível aos participantes identificarem algum outro sentimento que não fora listado.

Esta foi uma pesquisa predominantemente quantitativa; contudo, a análise qualitativa dos dados obtidos não foi desconsiderada.

Como respostas à primeira questão, verifica-se que a maioria dos participantes, tanto homens como mulheres, atribuem muita importância ao fato de não possuírem a experiência necessária como uma das possíveis causas de seu desemprego. Não terem a escolaridade exigida também é outro fator expressivo entre a maioria das mulheres. No caso dos participantes masculinos, há um empate entre as classificações pouco importante e muito importante.

Ao item “não me empenho suficiente”, a maioria das mulheres diz ser de nenhuma ou pouca importância, sendo que apenas uma delas acredita ser muito importante frente à sua atual condição. Entre os homens, a maioria também diz ser um item pouco importante e apenas um deles lhe atribuiu a classificação de muito importante.

O fator “não se sair bem em entrevistas” pode ser considerado coincidente entre as mulheres. Cinco participantes classificaram este item como muito importante, mas quatro não lhe atribuíram importância e uma acabou por classificá-lo como pouco importante. Em contrapartida, ao item “falta de confiança”, a maioria delas não o considera importante enquanto causa de seu desemprego. Apenas duas lhe atribuíram muito importante e uma, deu-lhe pouca importância.

Entre os participantes masculinos, não se sair bem em entrevistas é classificado muito importante para a maioria deles, enquanto a falta de confiança é tida como não tendo importância alguma.

Em relação a estar envelhecendo, à aparência dos participantes, a grande maioria deles (homens e mulheres) considera como não sendo importante.

Afora os itens previamente listados, foram levantados outros dois entre as mulheres – cidade pequena e falta de indicações –, embora ambos tenham sido classificados como sendo sem importância. Entre os homens, um item não especificado no questionário recebeu essa mesma classificação.

Na segunda questão, a maioria dos participantes do sexo feminino diz não sentir vergonha de amigos e da família; contudo, a maioria diz sentir muita vergonha de si mesma. Entre os homens, dois dizem não sentir vergonha da família, um diz sentir um pouco e o outro diz sentir muito. Dois responderam sentir muita vergonha dos amigos, um respondeu que sente pouco e um disse não senti-la. Por fim, vergonha de si mesmo: dois dizem não sentir e dois dizem sentir muito.

Com relação ao sentimento de raiva, apenas uma participante feminina diz não sentir; as outras dividem-se entre sentir um pouco e sentir muito. Dois participantes masculinos responderam que não a sentem e os outros dois, que a sentem muito.

A sentimentos de angústia e desespero foi atribuída a classificação “sinto muito” pela maioria dos participantes de ambos os sexos. O sentimento de tristeza e desespero recebeu a mesma classificação pela maioria das mulheres. Os homens dividem-se em dois extremos: os que não sentem e os que sentem muito.

Para as mulheres, as respostas dadas para o sentimento de desânimo equilibram-se entre as três classificações propostas, contrariamente aos homens, onde a maioria diz sentir muito.

Desesperança é um sentimento quase inexistente entre as mulheres participantes; apenas duas disseram senti-lo um pouco. Dois participantes masculinos dizem não senti-lo, um o sente pouco e um, muito.

Impotência e incapacidade são pouco ou nada sentidas pela maioria das mulheres; os homens, ou dizem senti-los muito, ou igualmente não os sentem. As respostas deles a esse item foi equilibrada entre essas duas classificações.

Por fim, há um sentimento a mais, identificado e classificado com um “sinto muito” por uma participante do sexo feminino: a perseverança. Os homens não disseram outro sentimento além dos que já estavam postos no questionário.

Por meio dos dados colhidos e da obtenção de seus resultados, verifica-se uma congruência entre a teoria acerca das causas do desemprego e a realidade dos que estão nessa situação.

A falta de escolaridade e experiência exigidas foram identificadas como a principal causa da falta de emprego dos participantes da pesquisa, confirmando os estudos feitos sobre esse tema. O fato de pessoas com alta qualificação estarem se sujeitando a salários menores e concorrendo a cargos aquém de sua qualificação, agrava ainda mais a situação. Com adventos tecnológicos dia a dia mais avançados, os que buscam novamente entrar no mercado de trabalho precisam se superar, se renovar, se “reciclar” cada vez mais; contudo, na maioria das vezes o fato de estarem desempregados os restringe financeiramente, não lhes dando subsídios para uma nova investida em cursos de capacitação e aprimoramento. Desse modo, muitos acabam por ser excluídos desse mercado tão competitivo, por não corresponderem às exigências feitas.

O fato de não conseguirem uma colocação no mercado de trabalho traz conseqüências não apenas financeiras, mas também emocionais para os participantes entrevistados. A maioria deles diz sentir vergonha de si mesmos; sentimentos como raiva, tristeza e angústia são freqüentes, o que é bastante apontado em estudos sobre a auto-estima e identidade do trabalhador desempregado. A existência de sentimentos de impotência e incapacidade acaba por revelar a concepção de que a “culpa” pela situação que está enfrentando é pessoal, sem se ter a consciência de outras determinações e dimensões desse problema.

É muito importante que essas pessoas possam desenvolver uma consciência de si e do mundo, para que tenham condições de construir projetos de vida, organizando suas intenções e ações, sem ter a percepção de que a situação do desemprego é individual ou de que é algo que está posto, imutável, mas baseando-se em suas possibilidades, necessidades e no que elas podem construir, fazendo parte do processo.

## **Referência Bibliográfica**

LANE, Sílvia Tatiana Maurir. (1981) *O que é Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense

## **Internet**

[www.library.com.br/Reforma/Pg021Desemprego.htm](http://www.library.com.br/Reforma/Pg021Desemprego.htm) - consultado em 21/07/2006

[www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br) – consultado em 21/07/2006